

Condomínios de SP ofrem arrastões

Polícia não descarta ligação entre os casos, nos Jardins e na zona norte

prédio nos Jardins e um domínio de casas na zona norte foram assaltados em menos de cinco horas, entre a noite de sábado e a madrugada de domingo. Quadrilhas com metralhadoras e fuzis renderam porteiros, vigilantes e moradores e zeraram arrastão, levando roupas, joias, dinheiro, computadores e armas. Ninguém foi ferido. A polícia não afasta a possibilidade de ligação entre os dois assaltos. ● PÁG. C1

TÁTICAS DE INVASÃO

- **Aproveitam-se** de descuido do morador ou do porteiro
- **Usam** a demora do fechamento da garagem para entrar
- **Fingem** interesse na compra de algum apartamento
- **Mentem** sobre prestação de serviços ou entrega de produtos
- **Simulam** alguma emergência na portaria do condomínio

Programa de controle de aids dá sinais de estagnação

Indicadores mostram que o programa de combate à aids está perto da ineficácia, arrojando os dados atuais da doença no País. O número de novos casos e de mortes não mudou nos últimos cinco anos. A taxa de transmissão do vírus da mãe para o bebê na gravidez caiu, mas não como o governo esperava. Além disso, Norte e Nordeste vivem epidemia recente entre homens sexuais jovens e com mais de 50 anos. Para especialistas, parte da população relaxou na prevenção. ● PÁG. A13

NOTAS E INFORMAÇÕES

A despedida de um técnico

...Jerson Kelman, que deixa amanhã o posto de diretor-geral da Aneel, foi uma das exceções, num cenário dominado, cada vez mais, pela presença de "companheiros". ● PÁG. A3

CADERNO 2

Homenagem aos quadrados de ALBERS

● Exposições mostram a forma perfeita do pintor alemão. ●



Fundado em 1875

Julio Mesquita (1891-1927)
Julio de Mesquita Filho (1927-1969)
Francisco Mesquita (1927-1969)
Luiz Carlos Mesquita (1952-1970)
José Vieira de Carvalho Mesquita (1959-1988)
Julio de Mesquita Neto (1969-1996)
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita (1959-1997)
Américo de Campos (1875-1884)
Nestor Rangel Pestana (1927-1933)
Plínio Barreto (1927-1958)

Conselho de Administração

Presidente
Aurélio de Almeida Prado Cidade

Membros

Fernão Lara Mesquita
Francisco Mesquita Neto
Júlio César Mesquita
Patrícia Maria Mesquita
Roberto C. Mesquita

Opinião

Diretor de Opinião: Ruy Mesquita
Editor Responsável: Antonio Carlos Pereira

Informação

Diretor de Conteúdo: Ricardo Gandour
Editor-Chefe Responsável: Roberto Gazzi

Administração e Negócios

Diretor Superintendente: Célio Virginio dos Santos Filho
Diretor de Mercado Jornais: Odmair Almeida Filho
Diretor de Operações: Rubens Prata Jr.

NOTAS & INFORMAÇÕES

A despedida de um técnico

O engenheiro que alertou o presidente Fernando Henrique Cardoso para o risco de racionamento de eletricidade, em 2001, e chamou a atenção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para um perigo semelhante, em janeiro de 2008, deixará amanhã o posto de diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), depois de cumprir um mandato de quatro anos. A presença de Jerson Kelman no comando de uma agência reguladora, num governo conhecido por seu empenho em manter esse tipo de organismo subordinado aos interesses políticos do Executivo, já era bastante estranha. Mais estranha seria uma indicação do presidente da República para sua permanência no cargo, em mais um mandato.

Kelman dirigiu no governo tucano a Agência Nacional de Águas (Ana). Nesse cargo, era um dos técnicos em melhores condições para alertar o governo sobre o risco de uma crise de abastecimento de energia. Agiu com discrição, antes da crise. Depois, quando teve de produzir um relatório sobre o apagão, foi bastante claro na exposição dos fatos. A crise não se deveu apenas à estiagem prolongada, mas

também à insuficiência de investimentos. Com ou sem chuva, o País vinha rumando para uma situação de escassez de energia. O apagão não resultou apenas de uma decisão divina a respeito das chuvas.

Sua passagem, depois, pela direção da Aneel foi menos confortável. Enfrentou dificuldades não só com o Executivo, mas também com o Ministério Público. Em abril de 2008 foi chamado à Polícia Federal para explicar o cálculo das tarifas cobradas pelas distribuidoras de eletricidade. O episódio foi contado por ele mesmo em artigo publicado sexta-feira passada no **Estado**. Integrantes do Ministério Público de Pernambuco haviam tentado anular um contrato assinado em 2001, durante o racionamento de energia. Pretendiam, com seu critério, simplesmente romper um contrato, alegando que se havia tornado desnecessário. A história incluiu uma passagem pela polícia e, finalmente, um julgamento pelo Tribunal Regional Federal (TRF), que arquivou o processo em 2008. O acórdão da 4ª Turma do TRF, escreveu Jerson Kelman, é exemplar, porque "reco-

nhece a competência da Aneel para exercer o papel para o qual as agências foram criadas: regular e fiscalizar".

O bom exercício dessa função, como tem mostrado o funcionamento de agências de outros países, com histórico muito mais longo, requer autonomia operacional e independência em relação aos objetivos políticos do partido no poder. Esse critério foi levado em conta quando a regulação de atividades concedidas foi entregue a agências nos anos 90. Faltou, no entanto, definir legalmente, de modo amplo, o status e o alcance do papel das agências.

Esse trabalho ficou para o governo petista, numa infeliz coincidência histórica. O projeto enviado por Lula ao Congresso continua em tramitação e não consagra na medida necessária o critério da autonomia.

Antes da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, alguns de seus companheiros iniciaram uma campanha contra as agências. O presidente reforçou o coro, logo depois de assumir o posto, reclamando por ser o último a saber de certas decisões. O primeiro con-

to importante surgiu no começo de sua gestão, quando o ministro da área tentou enquadrar a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Integrantes do governo Lula sempre mostraram dificuldade para entender a importância de regras estáveis e do respeito a contratos com as concessionárias. O presidente acabou revelando mais sensatez nesse ponto.

Mas o presidente e seus auxiliares nunca deixaram de aparelhar as agências e o fizeram em muitos casos, enfraquecendo organismos importantes para a segurança dos investidores, para o planejamento empresarial de longo prazo e para a tranquilidade dos consumidores.

Jerson Kelman foi uma das exceções, num cenário dominado, cada vez mais, pela presença de "companheiros" dispostos a agir como subordinados do presidente da República. O risco de apagão em janeiro de 2008 era, segundo Kelman, maior que o de 2001. O desastre não se consumou porque choveu em março — uma ajuda de São Pedro. O Executivo preferiu, enquanto havia risco, evitar a impopularidade de qualquer ação preventiva. Com menos técnicos dispostos a defender convicções, menos preocupações desse tipo haverá no governo.



● PÁG. C2
19° MÍN.
domina em todo o
Nuvens aumentam e
chuva à tarde.
ISSN - 1516-2931
9 771516 293026